

AS RELAÇÕES ENTRE PODER E PRAZER EM *UM COPO DE CÓLERA*, DE RADUAN NASSAR

Andréia Delmaschio
Universidade Federal do Espírito Santo

Em *Um copo de cólera*, o personagem que conduz a narrativa e que pensa vir guiando a relação afetivo-sexual aparenta ter o domínio da situação do enunciado, tanto quanto da enunciação. Contudo, para entender dessa forma os acontecimentos que se dão no texto de Nassar, seria preciso ignorar aspectos importantes do embate físico e verbal entre os dois protagonistas. A escolha da expressão “o esporro”, por exemplo, para intitular um capítulo importantíssimo do texto, já sinaliza de forma ambivalente para duas categorias: a discursiva e a sexual. Que a questão do poder é relevante em *Um copo de cólera* não se pode negar, mas uma leitura do poder como força linear, fechada em negações, interdições e hierarquizações, não poderia acompanhar o movimento dos personagens nassarianos. A colisão de forças que constitui a relação entre os personagens é algo que deve gerar muito mais que um vencedor e um vencido. Embora a fala de cada um pareça ser guiada sempre por um desejo de lançar a última palavra, nota-se logo a falsidade dessa impressão, já que cada assertiva, por mais contundente que possa parecer, solicita sempre uma outra, de força igual ou superior, que valorize suficientemente o investimento provocador. Note-se a fala do personagem masculino:

[...] estava longe de me interessar pelos traços corriqueiros de um caráter trivial, e nem eu ia, movendo-lhe o anzol, propiciar suas costumeiras peripécias de raciocínio, não que me metessem medo as unhas que ela punha nas palavras, eu também, além das caras amenas (aqui e ali quem sabe marota), sabia dar ao verbo o *reverso* das carrancas e das garras, sabia, incisivo como ela, morder certo com os dentes das idéias [...] ¹.

Em *Um copo de cólera*, os personagens se mantêm enquanto tem prosseguimento o diálogo entre eles, como se fossem estranhas marionetes sustentadas por fios de fala. Por isso é

¹ NASSAR, Raduan. *Um copo de cólera*, 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 41-42. (Grifo meu).

comum que cada assertiva suscite uma réplica do interlocutor, uma resposta germinada sempre da afirmação anterior. O próprio narrador percebe-o e declara-o.

É por considerar no trajeto dos personagens essas oscilações entre diferentes intensidades de forças que buscamos pensá-lo como uma série de situações em que o poder não se coagula num centro emanador nem distribui em faixas hierárquicas os “poderosos” e os “sem-poder”. Os mecanismos de poder passam antes por injunções que percorrem todos os tipos de relação, estabelecendo, assim, *jogos* de poder e não *lugares* de poder. No pensamento de Michel Foucault, essa forma de entender o poder segue ao lado de uma visão crítica sobre o discurso da sexualidade na sociedade moderna, desenvolvida em várias obras.

No primeiro volume da *História da sexualidade*, intitulado *A Vontade de saber*, Foucault aponta a ilusão da delimitação entre uma “época repressiva” surgida juntamente com a burguesia - o que costumamos chamar de moral vitoriana - e um tempo anterior onde teriam vigorado a livre expressão e um grande arejamento dos usos e dos costumes ligados aos prazeres sexuais. A falsidade dessa delimitação temporal acompanha a pseudo-demarcação de limites entre lugares de poder e lugares supostamente isentos dele.

Segundo Foucault, essas oposições hipotéticas didatizariam facilmente o que não pode ser assim simplificado. Ele questiona o uso abusivo da *hipótese repressiva*, aquela que baseia todo trabalho sobre sexo na idéia da repressão, da proibição e da negação supostamente surgidas na era vitoriana. Abre-se espaço, portanto, para interrogar também a imaginária liberdade anterior àquela época e alerta-se para o fato de que não basta afirmar, numa rápida leitura de determinados tempo e sociedade, o contrário do que vinha sendo dito antes para se ter chegado à “verdade” sobre o sexo. Suas propostas caminham no sentido de aprofundar - se se quer estudar a história da sexualidade - uma história dos discursos.

Na sequência, todo o texto questiona a validade do princípio de repressão a que se recorre há tanto tempo, toda vez que se pretende falar sobre a presença do sexo nos discursos. Foucault expõe a falsidade da idéia que defende que a repressão é sempre e exatamente aquilo que faz calar, esconder, desaparecer. Diz o pensador que alocando-se, como se fez, a censura da livre expressão sexual à burguesia, fazendo-se coincidir sua história com a do capitalismo, permitiu-se que proliferasse facilmente o discurso simplório que simula uma explicação para a idéia de “sexualidade”, ignorando inclusive a história do próprio termo e a sua adesão não só ao discurso capitalista e burguês como também aos outros discursos que então surgiam, especialmente o científico - médico, jurídico, pedagógico... Uma explicação que findaria muito facilmente com a seguinte assertiva: a repressão às sexualidades estéreis se dá pela sua incompatibilidade com as exigências do trabalho: elas não podem reproduzir operários. Essa formulação, por seu teor simplificador, jamais tornará inteligíveis os movimentos de poder e a sua ligação com a presença do sexo nos discursos.

Foucault acrescenta que, ao contrário do que se insiste em afirmar nos últimos três séculos, há um aumento gradativo dos discursos sobre sexo a partir do século XVIII. Não só dos discursos ilícitos, de depravação, o que seria um contraponto previsível ao excesso de pudores impostos, mas do próprio discurso autorizado. Não é uma nova mentalidade que justifica a proliferação de discursos sobre sexo e sim a utilidade que esses discursos passaram a ter para os novos mecanismos de poder que surgiram. O sexo passa a ser não proibido, porém regulamentado.

Não haveria, no entanto, na própria aceitação fácil e já tão arraigada da *hipótese repressiva*, um resto daquele antigo pudor de se falar em sexo? Nisso que imaginamos ser a nossa parcela libertária de discurso para o futuro, na evasão de um tempo e de um espaço onde tudo é supostamente proibido, não estaria incrustada a herança do pensamento cristão? Garante

Foucault: “Há dezenas de anos que nós só falamos de sexo fazendo pose: consciência de desafiar a ordem estabelecida, tom de voz que demonstra saber que se é subversivo, ardor em conjurar o presente e aclamar um futuro para cujo apressamento se pensa contribuir”². Uma certa promessa de felicidade é perceptível juntamente com o discurso que pensa liberar, para o futuro, as diferentes formas da sexualidade. Não cabe, portanto, pensar os prazeres polimorfos como uma obsessão temática repressiva do espírito vitoriano, porque eles são agora formas instaladas, isoladas e nomeadas por um novo tipo de poder que é dominador sutil dos corpos, de seus prazeres e de seus discursos. O ato de colocar o sexo em curso, dando-lhe o direito à palavra, é uma nova maneira de organizar as sexualidades comprometedoras da economia produtiva e reprodutiva e não de tentar bani-las. “Através de tais discursos multiplicaram-se as condenações judiciais das perversões menores, anexou-se a irregularidade sexual à doença mental; da infância à velhice foi definida uma norma do desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis”³. É assim que vão parar a histérica na “casa” de saúde e a prostituta na “casa” de tolerância. Dessa forma, arranjam-se “casas” - isto é, lugares de confinamento - para todos.

Como se pode depreender da leitura atenta de *Um copo de cólera*, a idéia de sexualidade persiste obstinadamente (algo como o que Foucault denomina *obsessão histórica*). Perguntamo-nos então como teria o sexo conquistado o direito a parcelas tão grandes do nosso discurso? Provavelmente porque foram pensadas a idéia de discurso e a de sexualidade numa simultaneidade histórica.

Desse modo, uma espécie de “erotismo discursivo generalizado” passa a se alastrar, especialmente a partir do século XVIII. E não é fora do poder ou contra ele - como alguns

² Ibidem, p. 12.

³ Ibidem, p. 37.

pretenderam afirmar - que esses discursos se erguem; é antes com ele e funcionando como veículo para sua atuação, numa prolixidade perversa. Perversa não pelo conteúdo dos discursos que a compõem, mas pela forma disfarçada como representa o poder (e são agora a biologia, a medicina, a política, a pedagogia) utilizando o sexo, trazendo-o ao discurso e estabelecendo assim a rede múltipla de poder e de saber. Veja-se, a exemplo, o texto de Nassar: do mesmo modo que exteriorizam seus anseios e incompatibilidades sexuais, os personagens expõem também o desejo de dominação, pretendendo cada um mostrar-se mais sábio, desfilando um discurso mais contundente e perspicaz que o do outro. A um só tempo lhes preocupam o risco de serem “manipulados” por instâncias do poder instituído e uma possível dominação sexual por parte do parceiro.

Retornando a Foucault: O trabalho do pensador francês sobre o que chama “hipótese repressiva” leva em conta três questões: 1) A repressão do sexo seria mesmo uma evidência histórica? 2) A mecânica do poder, na nossa sociedade, seria mesmo repressiva? 3) O discurso crítico à repressão estaria combatendo ou participando dela?

Uma análise profunda das relações “poder-saber-prazer”⁴ pretende não simplesmente anular a hipótese repressiva, e sim observar como o discurso sobre sexo penetra nas condutas mais individuais pelas estratégias de poder instauradas. “Daí, enfim, o fato de o ponto importante não ser determinar se essas produções discursivas e esses efeitos de poder levam a formular a verdade do sexo ou, ao contrário, mentiras destinadas a ocultá-lo, mas revelar a ‘vontade de saber’ que lhe serve ao mesmo tempo de suporte e instrumento”⁵.

Em *Um copo de cólera*, a força sexual aparenta ser o móvel secreto para toda ação - física ou verbal - dos personagens. Logo nas primeiras cenas se nota uma certa contenção oral,

⁴ Ibidem, p. 16.

⁵ Ibidem, p. 17.

especialmente do personagem masculino. A escritura funciona então muito mais pelo não-dito, pelas lacunas de um diálogo que não acontece, por um vazio cuja força pode ser pressentida pelo leitor. Quando principia a prática sexual, pode-se imaginar que ela compareça como solução para a falha marcada anteriormente pela impossibilidade dialógica do casal. Tem início então uma complexa rede de representações, verdadeiro teatro do sexo. Elementos da linguagem passam a ser ligados insistentemente ao corpo, pretendendo solucionar os impasses que são a um só tempo questões sexuais e de poder. No entanto, a tentativa de solução pelo corpo ou pelo gesto é derrotada. Abandonada a cama, é imprescindível retornar ao discurso verbal (um pouco pela insistência da mulher em permanecer na casa). Contudo, um eco da cama permanece. Dos domínios do corpo ressoa a fala da companheira, a reclamação por não ter tido o bastante: “ ‘eu não tive o bastante, mas tive o suficiente’ (que era o que ela me dizia sempre)”⁶. Tem início a parte do texto denominada “o esporro”. Um *esporro* verbal intenciona resolver o que não resolvera o *esporro* orgânico. A forma como os protagonistas referem simultaneamente elementos da sexualidade e questões propriamente discursivas, através de expressões que ligam os dois campos semânticos, é talvez o motivo maior deste estudo. A exemplo: [...] eu poderia, isto sim, era topar o desafio, partindo pr’um bate-boca de reconfortante conteúdo coletivo, sabendo que ela, mesmo ansiosa, não desprezava um bom *preâmbulo*, era só fazer de conta que cairia na sua fisga, beliscando de permeio a isca inteira, mamando seu grão de milho como se lhe mamasse o bico do seio [...] ⁷. O “prazer” da discussão é diretamente comparado ao prazer sexual de encaminhar-se por um *preâmbulo* de sensações até o desfecho orgástico. Manipulando um tanto involuntariamente uma centelha desse *poder microfísico*, os personagens se entregam aos jogos da fala e do corpo, buscando a ascensão a um lugar pleno de poder que é apenas

⁶ NASSAR, Raduan. *Um copo de cólera*, 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 26.

⁷ Ibidem, p. 40. (Grifo meu).

imaginário, do mesmo modo que a “realização” sexual pelo orgasmo é somente o descortinar de uma nova busca que se inicia.

Assim se alternam intensidade e modo das descargas de força, a *ejeção* verbal sucedendo uma outra, sexual. As relações que se mostram vinculadoras das instâncias prazer e poder são reconhecidas pelo próprio narrador, que explicita no diálogo essa *promiscuidade*: “o achincalhe escondia como sempre um nevoeiro denso de sensualidade, a mesma solicitação queixosa, provocadora”⁸, “ela mesma se guardando até nos frívolos direitos, esticando prazenteirissimamente a goma das palavras, mascando esta ou aquela como se fosse um elástico ou a porra do pai dela”⁹. O ato de rechaçar a inércia da parceira na cama se acrescenta à acusação de submissão intelectual. Diz o personagem masculino:

[...] ‘que tanto você insiste em me ensinar, hem jornalista de merda? que tanto você insiste em me ensinar se o pouco que você aprendeu da vida foi comigo, comigo’¹⁰ [...] ‘nunca te passou pela cabeça, hem intelecta de merda? nunca te passou pela cabeça que tudo que você diz, e tudo que você vomita, é tudo coisa que você ouviu de orelhada, que nada do que você dizia você fazia, que você só trepava como donzela, que sem minha alavanca você não é porra nenhuma... [...]’¹¹.

Uma das intenções primeiras do personagem masculino é provar a importância da linguagem do prazer ante qualquer vontade de saber e poder da companheira, aliando a sua “donzelice” à adesão sem resistência ao que chama de “mitos do momento”¹², especialmente em função da profissão que ela exerce, ligada, segundo ele, à reprodução de idéias. Esquece assim, momentaneamente, o quanto de vontade de poder e o quanto de prazer existem na sua própria fala. Toda tentativa de desautorização do discurso do outro passa necessariamente pelo

⁸ Ibidem, p. 54.

⁹ Ibidem, p. 56.

¹⁰ Ibidem, p. 44-45.

¹¹ Ibidem, p. 48.

¹² Ibidem, p. 46.

rebaixamento de sua potência sexual. Quando o personagem feminino expõe a incompetência formal do narrador para dar ordens, ele se sente castrado:

[...] e eu batia no peito e já subia no grito, mas um ‘ó! honorável mestre!...’ ela disse e foi um zás-trás sua língua peçonhenta saindo e se recolhendo, era só de ver como trabalhava aquela peça bem azeitada, e ouvindo o que ela disse eu tremi, não propriamente pela ironia, vazada de resto na técnica primária do sumo apologético, era antes pela obsessiva teima em me castrar, me chamando de ‘mestre’¹³.

Ela lhe tira o sexo junto com a palavra: ele não é “autorizado” a falar, senão por meio da designação irônica de uma mestria impotente; portanto, se vê temporariamente castrado, sem falo e sem fala; ele que vinha se valendo alternadamente de cada uma dessas linguagens: a do corpo e a das palavras.

Em *Vigiar e punir* - uma revisão histórica da violência -, entre outras considerações acerca das transformações sofridas - e imprimidas - pelos mecanismos de poder, Michel Foucault mostra como o corpo físico deixou, nos últimos séculos, de ser o objeto principal da penalização, a dor como instrumento de castigo sendo substituída paulatinamente. No entanto, o corpo que vai sendo aos poucos abandonado enquanto alvo direto do castigo passa a objeto de uma rede de relações e coerções muito mais complexas, que se comunicam reforçando a função do corpo enquanto *objeto de saber*. Uma certa “penalidade do incorporeal” aviltaria a vida sem passar necessariamente pelo ultraje direto do corpo. Assim, modernamente, o conjunto dos métodos punitivos se estende para além do puramente jurídico, não sendo apenas consequência imediata dele, dependendo também de outras formas de poder e de saber, e tendo se disseminado em todas as instituições e formas de relações, sociais ou individuais. Da família à fábrica, da escola ao

¹³ Ibidem, p. 45. A utilização da imagem do castrado ligada à figura do sem-poder (ou do sem palavra) não é nova. Em *S/Z*, Barthes observa o funcionamento dessa estratégia discursiva no *Sarrasine*, de Balzac, alinhavando esses dois modos: “Mme. de Lanty é a Autoridade original, o Tirano cujo *numem* silencioso decreta a vida, a morte, a tempestade, a paz; enfim, e sobretudo, Mme. de Lanty mutila o homem (M. de Jaucourt perde seu ‘dedo’). Enfim, anunciando Sapho, que tanto amedronta Sarrasine, Mme. de Lanty é a mulher castradora, provida de todos os atributos fantasmáticos do Pai: poder, fascinação, autoridade fundadora, terror, poder de castração”. BARTHES, Roland. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 68.

templo, cada mínimo ato é regido e vigiado; cada desvio é passível de ser sumamente castigado no interior do seu próprio agente, por sua consciência ou pelo seu inconsciente.

Essa “entrada da alma no palco da justiça penal” ocorre simultaneamente ao desenvolvimento de toda uma “tecnologia política do corpo”¹⁴ que, mais que a capacidade de dominar suas forças físicas, seria o empenho de um conjunto de saberes em controlá-lo numa instrumentação multiforme e heterogênea, porém, de resultados coerentes: é a *microfísica do poder*, em que ele se dá não mais como uma propriedade, mas como uma estratégia; um poder que “se exerce mais que se possui”¹⁵. O entendimento desse raciocínio sobre questões de poder-saber deve estar ligado a algumas renúncias, entre elas à da utopia do saber livre e desinteressado e à do primado do sujeito livre-pensante; melhor dizendo, à renúncia de todo um modelo de conhecimento aceito durante vários séculos.

Considerando conjuntamente essas idéias, pensamos que seria ingênuo procurar no texto de Nassar uma individualidade que colocasse em questão o poder olhando-o com isenção ou manipulando-o do exterior, sem estar envolta nas suas redes. O componente transgressor que se pode querer buscar em *Um copo de cólera* talvez não se encontre no texto em si, só existindo, ao contrário, pela possibilidade de constante rearticulação de seus elementos - componentes de relações de força no texto - com outros elementos que lhe são exteriores. Nesse contexto, mais importante que buscar afirmar ou negar a hipótese repressiva é talvez observar com minúcia, tanto quanto possível e enquanto pudermos driblar nosso próprio discurso, como ele e o do outro são absorvidos pelos poderes (e os absorvem) na sua rede microfísica e nas malhas em que enreda - e se enreda - com o sexo.

¹⁴ Ibidem, p. 26.

¹⁵ Ibidem, p. 29.

A partir de determinado momento, provocar o(a) parceiro(a) será uma atitude dúbia, ao mesmo tempo um convite sensual e um esboço de dominação: “a vontade de poder misturada à volúpia da submissão”¹⁶, como define o próprio narrador. A antiga máscara da submissão nada mais é, ali, que o uso de uma outra estratégia de domínio, muito sutil, que é essa vizinha do paradoxo, e que nós chamamos, numa só palavra, o *poder-submeter-se*. Enquanto o personagem masculino tira proveito das ambivalências presentes em seu diálogo com a mulher, ela se deixa levar pelo jogo: num momento impossível de situar, o personagem feminino passa a encaminhar os fatos todos para o desenlace sexual, enquanto o companheiro segue no seu jogo ambivalente. Por um lado, essa suposta “limitação” dela permitirá a ele “submetê-la”. Por outro, essa “passividade”, seu recolhimento - ao retirar-se do campo de ação dele e assim da narrativa - e o silêncio temporário lhe permitem retornar, desta vez com a ação e a palavra, ou seja, como a nova voz que narra agora o silêncio e a inércia do outro.

Assim, por trás de uma aparente submissão e da ausência marcante da mulher, o que há é uma outra estratégia de domínio - consciente ou não - para a conquista da realização de suas vontades. Bajular o companheiro, paparicá-lo (são os verbos que ele utiliza para descrever as ações dela) tem como objetivo o alcance de efeitos concretos, como a satisfação dos próprios desejos sexuais. E se os objetivos traçados e constantemente retraçados pelas forças operantes são diferentes, uma grande parcela de imprevisibilidade percorre todos os tipos de relações. Daquele que pensa estar no domínio para aquele que simula submeter-se existe uma enorme deriva, o espaço habitado por toda inconstância e possibilidade de reversão.

É de considerar, entretanto, que faz parte da estratégia do poder manter-se em parte mascarado. É regra para sua maior tolerabilidade não se mostrar totalmente. O poder microfísico

¹⁶ NASSAR, Raduan. *Um copo de cólera*, 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 68.

age, portanto, por tramas sempre até certo ponto ocultas. Quem suportaria o poder totalmente cínico ou apenas como impositor de censura?

Retorna, portanto, a questão: por que continuar pensando a existência de uma constante histórica repressiva sobre o sexo e o discurso, se o poder já caminha mais além, assenhoreando-se, inclusive, do contrário da repressão, desde a primeira estratégia usada para lhe pôr em discurso, que foi a confissão, se a ordem é fazer falar, se é do maior interesse, por parte do poder, ligar-se aos discursos sobre o sexo nas suas várias formas, a fim de chegar mais longe nas estratégias de domínio, assumindo como novas faces ora a máscara do saber, ora a derme da moral, os tentáculos da curiosidade científica correndo meticulosamente cada corpo... *Um copo de cólera* avulta então como farsa revolucionária cujo alcance estaria justamente nisto: explicitar os mecanismos de poder-saber-prazer que nos constituem e conduzem enquanto humanos. Tem-se, assim, menos a denúncia ingênua do que a teatralização dos afetos submissos e/ou fascistas; menos a revolta do que o revolver violento da banalidade que nos ata e sufoca, num circuito de atos humanos, demasiado humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

NASSAR, Raduan. *Um copo de cólera*, 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.